

Cena

v. 44, nº 2, maio - ago 2026

Contando os Botões das Camisas e das Rosas: processos de mediação teatral na escola

Telling the Buttons on Shirts and Roses: Theater Mediation in School

Flávia Janiaski¹

<https://orcid.org/0000-0003-0325-739X>

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados/MS, Brasil

E-mail: flaviajaniaski@ufgd.edu.br

Guilherme Ranzi²

<https://orcid.org/0000-0002-7600-7597>

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados/MS, Brasil

E-mail: guiranzi9@gmail.com

Lucrécia Pietro³

<https://orcid.org/0009-0003-7169-8223>

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados/MS, Brasil

E-mail: lucreciaprt@gmail.com

Nicole Pavarina⁴

<https://orcid.org/0009-0005-4986-0153>

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados/MS, Brasil

E-mail: nicolepavarina@hotmail.com

1 Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com período sanduíche em University of Massachusetts Boston (UMASS) nos Estados Unidos. Profa. Associada da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Cênicas. Bolsista Produtividade CNPQ.

2 Bacharel e licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com bolsa de Iniciação Científica pelo CNPQ. Ator e professor de teatro.

3 Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com bolsa de Iniciação Científica pelo CNPq. Atriz e professora de teatro.

4 Licencianda em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com bolsa de Iniciação Científica pela CNPq. Técnica em Teatro pelo SENAC/SP em Piracicaba. Atriz e professora de Teatro.

Resumo: Neste artigo problematizamos a mediação teatral como processo facilitador para o diálogo entre a obra artística e as crianças através da apreciação do espetáculo *Os Botões das Camisas e das Rosas* da Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa Cênica. A partir das noções de mediação teatral devidamente referenciadas, apresenta-se os materiais criados especificamente para esse processo de mediação, como também relatos de vivência e questionamentos dos atores e mediadores. Como conclusão será apresentada a diferença de perspectiva entre as crianças que passaram pelo processo de mediação e aquelas que apenas apreciaram o espetáculo esteticamente.

Palavras-Chave: Escola. Espetáculo para crianças. Mediação Teatral.

Abstract: In this essay, we problematize theatrical mediation as a facilitating process for dialogue between artistic works and children through the appreciation of the play *Os Botões das Camisas e das Rosas* by Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa Cênica. Based on the duly referenced notions of theatrical mediation, we present the materials created specifically for this mediation process, as well as accounts of experiences and questions from the actors and mediators. In conclusion, we will present the difference in perspective between the children who went through the mediation process and those who only appreciated the performance aesthetically.

Keywords: Performance for children. School. Theater Mediation.

Procurando entender a arte

O primeiro contato de qualquer pessoa com a Arte é inevitavelmente mediado por alguém, em sua maioria por familiares ou professores, talvez na contemporaneidade por *tiktokers* ou influenciadores. Mas, sempre está presente a figura do mediador, daquele que nos apresenta a obra, seja ela uma canção de ninar, uma história para dormir, um desenho animado, um filme, um livro, um quadro, uma peça etc. Com o objetivo de nos distrair, entreter ou nos fazer dormir, desde muito pequenos somos apresentados a diferentes linguagens e produtos artísticos e de diferentes formas.

Desta premissa, nasceu uma questão: se temos contato com a Arte durante toda nossa vida e ela passa pelo sentir, precisamos que ela nos seja explicada por alguém? Este artigo parte desta provocação que impulsionou uma pesquisa apoiada na ideia da democratização ao acesso físico e simbólico do teatro a partir de jogos de mediação que aproximam o espectador da obra.

O conceito de mediação teatral começa a ser pensado na década de 1960 na França a partir do termo *animation théâtrale* (animação teatral), época em que acontece um crescimento de espetáculos voltados para o público infantil, assim como uma aproximação do teatro com a escola, a partir do pensamento de que formar um espectador na infância é a melhor maneira de formar o público adulto do futuro. Ou seja, as crianças eram vistas como possibilidade de renovação de público, apoiados no seu direito à cultura e na diversidade do alcance de crianças de todas as classes sociais no ambiente escolar. Estas ideias se difundem pela Europa, especialmente em países como a Bélgica, Espanha e Portugal, e em seguida pela Austrália, Estados Unidos, Canadá e Brasil.

No decorrer dos anos 1990, a noção de animação teatral vai sendo substituída, nas experiências pioneiras realizadas na França e na Bélgica, pelo conceito de *mediação teatral*, mais abrangente e que engloba, também, as próprias atividades de animação que eram aplicadas em anos anteriores. As práticas de mediação teatral compreendem, assim, não somente procedimentos artísticos e pedagógicos propostos direta-

mente aos espectadores iniciantes, mas abordam a formação de espectadores como uma questão que abrange as diversas etapas do evento teatral. (Desgranges, 2015, p. 65).

Tanto as práticas, quanto os estudos e teorias sobre animação teatral, recepção teatral, formação de público, mediação teatral foram se intensificando e se atualizando, e hoje entendemos a mediação teatral como toda e qualquer ação que possa proporcionar e facilitar o acesso físico e simbólico do público à obra, partindo do princípio de que o mediador é alguém que tem conhecimento da peça e da linguagem teatral e será a ponte entre a obra e o público (Oliveira, 2011), na busca de formação de um público autônomo, capaz de frequentar espaços artísticos e capaz de entender os códigos e convenções do teatro. Ainda, de acordo com Desgranges:

O acesso físico constitui-se na viabilização da ida do público ao teatro. Ou vice-versa, da ida do teatro até o público, ou seja, na difusão de espetáculos por regiões social e economicamente desfavorecida. [...] O acesso linguístico, como o próprio termo sugere, opera nos terrenos da linguagem. E trata não apenas da promoção, do estímulo, mas especialmente da constituição do percurso relacional do espectador com a cena teatral, da conquista de sua autonomia crítica e criativa. (Desgranges, 2018, p. 76)

Buscando então a formação de público, o ambiente escolar se faz um grande local de disseminação da cultura visando assim não apenas a localidade escolar como também a comunidade local. Ao levar o teatro nas escolas juntamente da mediação teatral o público não apenas aprecia esteticamente a peça, mas desenvolve sua capacidade de interpretar os elementos ali presente participando como uma plateia ativa que também se torna co-criadora da peça quando cria narrativas a partir dos significados que os é fornecido. Vale ressaltar que o direito à valorização e fruição artística estão garantidos na Base Nacional Comum Curricular/BNCC, e são previstos a partir de 4 das 6 dimensões do conhecimento⁵ que a base traz, ou seja, nas dimensões crítica, estesia, fruição e reflexão, podendo reverberar depois na expressão e criação.

É importante entender que a mediação parte de um planejamento do mediador que passa por etapas formativas que podem acontecer antes, durante e depois da apreciação do espetáculo teatral. Este planejamento busca uma vertente pedagógica criando atividades a partir da temática da peça apresentada. Cabe então ao mediador desenvolver essa criação pedagógica a partir da vivência teatral buscando integrar o público com os elementos da peça. Cada etapa tem seu propósito e dever pedagógico, cabendo ao mediador, em meio a tantas estratégias, escolher e organizar aquelas que ele julgar mais adequadas para cada situação.

Ressalto que cada etapa tem uma função pedagógica no desenvolvimento estético do público, podendo-se atentar com mais profundidade ao fenômeno estético, à relação com a obra teatral. A organização e o planejamento do mediador contribuem para o engajamento do público no projeto possibilitando que o público se sinta mais integrado ao projeto “quando se tem uma qualidade na organização das etapas do antes, durante e depois. Essas etapas guiam o público, deixando-o consciente de que ele faz parte de um projeto como um todo” (WENDELL, 2013, p. 39). As etapas contemplam, assim, a possibilidade de se trabalhar os eixos da aprendizagem teatral (Ninin, 2021, p. 54-55).

Entendendo a importância de preparar uma mediação teatral, e a partir de leituras e discussões de autores como Desgranges (2018, 2015), Ninin (2020), Pupo (2011) e Oli-

5 Importante destacar que estas seis dimensões são um desdobramento da abordagem triangular criada pela arte educadora Ana Mae Barbosa que propunha o ensino da arte a partir da produção, fruição e reflexão de uma obra.

veira (2011), o grupo Esboço Caótico *Cia. de Teatro e Pesquisa Cênica*⁶ da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD organizou um projeto de mediação teatral a partir da apreciação do espetáculo do próprio grupo *Os Botões das Camisas e das Rosas*⁷. Como somos um coletivo de pesquisa e teatro, além dos ensaios para a montagem do referido espetáculo, tínhamos encontros semanais de pesquisa e extensão, momento em que foi possível realizar a pesquisa teórica sobre a mediação teatral e desenvolver os jogos e materiais específicos relacionados à temática do espetáculo para o processo prático de mediação com crianças das escolas públicas do MS.

Desta maneira, este artigo apresenta um relato sistematizado de uma experiência prática de mediação teatral realizada pelo grupo, partindo da apreciação teatral do espetáculo citado acima, que realizou 33 apresentações em 6 cidades do interior do Mato Grosso do Sul (Dourados, Naviraí, Caarapó, Jateí, Batayporã e Nova Andradina), alcançando aproximadamente um público de 5.270 pessoas. Em relação à mediação teatral realizamos 36 mediações com cerca de 1080 crianças do ensino fundamental I e II, organizadas com atividades antes, durante e depois da apreciação do espetáculo.

Em relação às análises e registros, estes foram realizados pelo próprio grupo, a partir de registro fotográfico, observação das crianças durante as mediações e durante a apreciação dos espetáculos, conversas com professores das escolas após os espetáculos, coleta de desenhos e depoimentos das crianças (realizados pelos professores e disponibilizados ao grupo) e reverberação na própria escola.

A peça apreciada tem como temática principal o luto e a finitude das coisas. A obra acompanha a história de Guto, um menino de 10 anos que, por influência do avô, adora ler e ouvir histórias, as quais compartilha com sua melhor amiga Rafa. Um dia, por curiosidade, o menino pergunta ao avô sobre a morte. Este, por sua vez, conta ao neto uma história sobre um garoto, muito semelhante a Guto, que aprendeu a conviver com a perda de coisas importantes, enxergando que a vida é feita de ciclos e que há sempre um novo começo logo após o fim.

Mediação e suas vertentes

As práticas de mediação teatral são diversas e não seguem um padrão pré-definido, cada etapa tem sua relevância e função pedagógica específica e única.

O antes, o durante e o depois são etapas de uma sequência pedagógica, momentos independentes e complementares, da mediação teatral. A cada momento e a cada jogo há conteúdos e problemas acerca de elementos básicos da linguagem teatral, materiais e procedimentos da criação teatral adotados, em busca de maior aproximação à estética do espetáculo. A cada momento, há a construção do contato e parceria entre mediadores e público para a aprendizagem teatral. (Ninin, 2021, p. 55).

Assim, o mediador, conhecedor da obra e do respectivo público, deve estar atento às melhores estratégias e propostas para que o objetivo final, de formação de público, seja alcançado. Em relação às etapas - antes, durante e depois - de acordo com Oliveira (2011), o antes está ligado a preparação, sensibilização e mobilização; ao passo que o durante tem características como apropriação e reflexão; enquanto no depois estão a reverberação e internalização. A seguir contamos como se deu nossa mediação, a partir das ações realizadas partindo destes conceitos.

6 Grupo composto por Ana Carolina de Sousa Silva, Carlos Eduardo Cordeiro, Guilherme Camargo Ranzi, Flávia Janiaski, Natalie Melody, Thiago Oliveira e Viviane Rassa.

7 A montagem e circulação do espetáculo foi possível porque o grupo foi contemplado pelo Fundo de Investimento Cultural (FIC) da Fundação de Cultural do Mato Grosso do Sul.

Antes do espetáculo

Essa etapa foi dividida em três momentos. Os mediadores, que eram formados por atores da peça (já com seus figurinos) e outras pessoas do grupo que não estavam em cena, se dividiam em dois grupos e iam até as salas de aula pouco tempo antes do espetáculo começar e realizavam o primeiro contato com as crianças, que mais tarde seria nosso público. Primeiramente, era ensinado um jogo de mão⁸ intitulado “sopa paraguaia”, que foi criado exclusivamente para a peça, inspirado na brincadeira “nós quatro” (figura 1). Em cena era jogado por quatro atores, na mediação os mediadores ensinavam em duplas, facilitando a aprendizagem dos movimentos e do ritmo da brincadeira.

Figura 1 – Crianças aprendendo o jogo de mão sopa paraguaia.



Fonte: foto de Kayque Paiva, 2024.

Em algumas turmas os mediadores questionavam se as crianças já haviam ido ou tido contato com o teatro anteriormente e se eles haviam gostado ou não da experiência. Com as poucas mãos levantadas em resposta à primeira pergunta, era notório que muitas crianças nunca haviam assistido a uma peça teatral. Nesse sentido, é importante nessa etapa que os mediadores pensem em estratégias que auxiliem na leitura do espetáculo por parte dos espectadores.

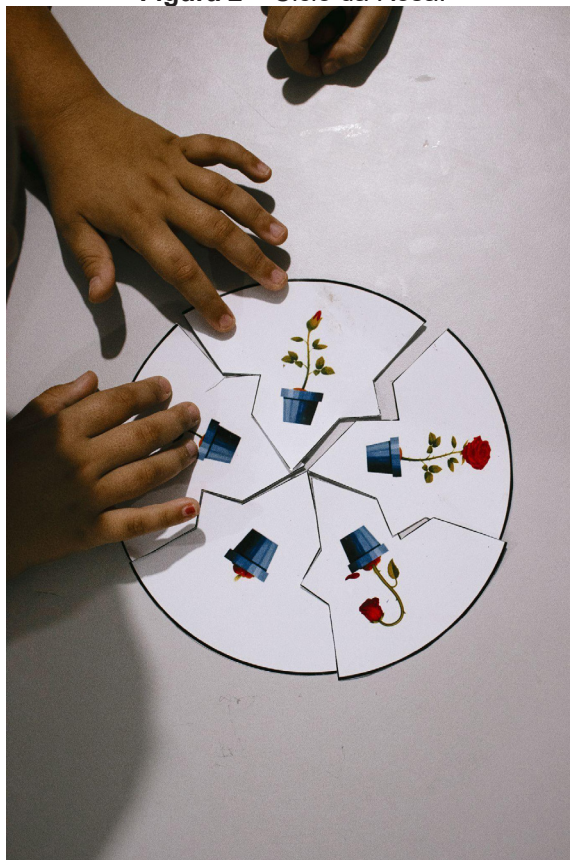
Espera-se, assim, que as atividades presentes nesta mediação contribuam para a criação de repertório e memórias perceptivas a serem utilizadas como base para posteriores leituras, resultando em fruições estéticas mais profundas. Sendo possível construir focos de atenção ao espetáculo, favorecendo conexões entre os jogos de mediação e os jogos do teatro. (Ninin, 2021, p. 57).

O segundo momento, ocorria a partir de uma breve conversa sobre os ciclos da natureza - da rosa, da borboleta, da água e da vida - e em sequência, as turmas eram divididas em grupos para a montagem de quebra-cabeças desses quatro ciclos, confeccionados pelos mediadores previamente nos encontros de pesquisa. Após a montagem, os mediadores

⁸ Jogo/brincadeira da cultura popular que envolve combinações de movimentos de mãos com músicas, dança, rima e versos.

instigavam as crianças a explicarem cada um dos ciclos, de modo que elas percebessem a semelhança entre eles (figuras 2 e 3).

Figura 2 – Ciclo da Rosa.



Fonte: foto de Kayque Paiva, 2024

Figura 3 – crianças montando os quebra-cabeças com os ciclos da natureza.



Fonte: foto de Kayque Paiva, 2024

No terceiro e último momento, era contada uma pequena história que se relacionava com a temática da peça: havia um menino que sempre perdia tudo, um dia uma caneta, no outro um lápis, até que um dia ele perdeu seu peixinho e ficou muito triste, mas conseguiu superar com a ajuda do avô que sempre lhe contava muitas histórias. Os mediadores instigavam as crianças a contarem se eles também já tinham perdido alguma coisa, ou algum bichinho de estimação. Ao final, os alunos eram convidados a assistir ao espetáculo, que era realizado na quadra da escola, no pátio ou na cantina, de acordo com o espaço de cada escola.

Durante o espetáculo

Nessa etapa, a mediação ocorreu pelo contato das crianças com o próprio fazer artístico e os diversos signos da linguagem teatral, como figurino, cenário, sonoplastia, maquiagem, adereços e objetos cênicos, divisão palco/plateia, programa da peça, dentre outros (figura 4). Como coloca Ninin, o momento da fruição da obra é o momento em que “contempla-se a ação do apreciar, de fruir a cena; quando há a possibilidade de aperfeiçoar a aprendizagem da linguagem teatral, lendo e assistindo ao espetáculo.” (Ninin, 2020, p. 58).

Figura 4 – Apresentação do espetáculo *Os Botões das Camisas e das Rosas*



Fonte: foto de Kayque Paiva, 2024.

É nesse momento que o público começa a se entender como cocriador da obra, fazendo parte do processo artístico.

É uma cocriação que começa pela importância que é dada a seu olhar, a suas sensações, reações e movimentos, que se integram ao desenrolar da apresentação. A sua cocriação advém também do espaço criativo que a obra disponibiliza para o exercício de leitura do público. Ele sente e percebe a obra, de forma mais ativa, vivendo um jogo, entre a emoção e a reflexão, que se revezam e se coadunam. (Oliveira, 2011, p. 38).

Ao ter o contato com a obra, as crianças começam a desenvolver seu pensamento crítico e reflexivo, ao tecer histórias para além daquela que está sendo contada em cena, ou se identificando com personagens ou com a própria história. A partir de seu capital cultural, começam a fazer conexões com sua própria vida, ou com situações e personagens semelhantes, começam a se identificar com atitudes e falas, evocam lembranças, e passam a desconstruir e a construir suas próprias narrativas e interpretações do que está sendo apreciado.

Depois do espetáculo

Essa etapa foi dividida em dois momentos. O primeiro era realizado em seguida ao espetáculo, onde as crianças tinham acesso livre aos instrumentos musicais e objetos cênicos, podendo ver de perto e interagir com eles ao mesmo tempo que conversavam com os atores e brincavam de sopa paraguaia.

O segundo momento desta etapa foi caracterizado pela criação de jogos que poderiam ser realizados pelos professores das escolas visitadas. Desse modo, objetivou-se a reflexão e análise do espetáculo, além de possíveis criações culturais das crianças que assistiram à peça. Sobre esta etapa do “depois” Ninin argumenta que:

Etapa da mediação com foco em analisar o espetáculo, refletir sobre a estética e a linguagem, debruçando-se sobre as características das cenas. Momento de desenvolver a competência da produção de cenas pelo público, como trabalho final das etapas de mediação teatral; resultado de todo o processo pedagógico voltado à ampliação de seu repertório de criação cultural. (Ninin, 2021, p. 59).

Dentre os jogos pensados, citamos: uma roda de conversa com os estudantes para discutir sobre os elementos e signos do espetáculo; trazer questionamentos, dúvidas e sensações; desenhar os personagens; representar os ciclos trabalhados corporalmente; construir imagens congeladas sobre a temática da peça; jogar “sopa paraguaia” novamente; criar bonecos dos personagens da peça com papel Kraft ou materiais reciclados e recriar algumas cenas.

Resultados e discussões dos processos

Após os processos de mediação, o grupo Esboço Caótico debateu sobre quais aspectos haviam funcionado melhor e quais poderiam ser repensados para os trabalhos futuros visto que para a maioria dos integrantes do grupo, essa foi a primeira experiência com mediação teatral (enquanto mediadores). O primeiro questionamento veio pelo fato de que as crianças que participaram do processo possuíam diferentes faixas etárias, ao passo que o grupo confeccionou apenas uma sequência de atividades para serem realizadas com todas elas. Ficou evidente a necessidade de se ter pensado em alternativas ou possibilidades que abrangessem outras idades.

No processo de elaboração dos jogos as criações surgiram a partir da temática da peça que seria apresentada. Nas sequências dos jogos conseguimos introduzir a ideia de que naquela peça de teatro eles iriam assistir à história de um garoto, porém, ficamos com a impressão de que faltou aprofundar os elementos e as convenções da linguagem teatral. Apesar de antes de cada apresentação, quando todos já estavam dispostos para o início do espetáculo, a diretora do grupo explicar o que era um programa, que eles iriam assistir aos atores contar uma história, que eles poderiam interagir e se expressar durante a história, mas ao mesmo tempo era preciso que eles prestassem atenção ao que estava sendo contado, sentimos a falta de ter explicado o conceito de teatro, a estrutura de um espetáculo e outras convenções teatrais que fossem além da divisão de palco/plateia, espaço de cena e personagens.

Cada proposta de mediação criada pelos mediadores possui a liberdade de formatação dentro de cada eixo, antes, durante ou depois do espetáculo, contanto que as ações facilitem o acesso do público à obra. Nossa escolha de deixar a temática mais explicativa ao invés de introduzir a estrutura do teatro não desvaloriza a mediação realizada, pelo contrário. Aplicamos nas escolas a mediação antes do espetáculo e levamos o espetáculo ao mesmo local, permitindo então que o público, ao apreciar a obra, conseguisse por si mesmo analisar os elementos da cena nesta fase da mediação durante o espetáculo. Seria então uma boa escolha fazer de uma forma continuada a mediação antes do espetáculo já seguida da apresentação dele?

Pensando no quesito tempo de qualidade, levar a mediação antes do espetáculo, minutos antes da apresentação, teve seus prós e contras. Diversas vezes os mediadores tinham que interromper o processo por conta do sinal do recreio, por exemplo, o que impedia que todas as etapas pensadas fossem realizadas. Do mesmo modo, as crianças acabavam não tendo tempo para refletir o que haviam experienciado antes de assistir à peça, pois em seguida já estavam no momento do durante. Por outro lado, introduzir a temática da peça e logo depois passar pela experiência de assistir o espetáculo permite que o público acesse sua memória recente e assim consiga apreciar a peça com as informações recentemente concebidas.

Como o espetáculo acontecia na própria escola (pátio, refeitório ou quadra esportiva), este deslocamento até um espaço, que é conhecido por eles, mas foi ressignificado com a demarcação de um espaço de cena a partir do cenário, também foi uma forma de pactuar com as crianças que aquele “novo” espaço era agora convencionado como espaço teatral.

Para os mediadores, por sua vez, o curto espaço de tempo é algo que não permitiu uma melhor desenvoltura da mediação, tendo que, em momentos, diminuir a interação para conseguir realizar todo o planejamento e estar pronto para o espetáculo, tudo dentro do tempo estipulado pelas escolas. No período da mediação antes do espetáculo tivemos de trinta a quarenta minutos com cada turma e logo em seguida embarcamos para a mediação durante o espetáculo com a apresentação da peça. Pelo fato de ter mediadores que também estariam atuando na peça, a saída de alguns durante a mediação às vezes era necessário.

Esta organização, mesmo que feita de maneira rápida, se fez eficaz visto que a percepção que tivemos durante e depois do espetáculo ao observar aqueles que passaram pela mediação em comparação àqueles que não tiveram a oportunidade de receber esta mediação foi esclarecedora. As crianças reconheciam os mediadores/atores em cena, como sendo aquela pessoa que minutos antes estavam em suas salas e agora estão em cena apresentando, e ficavam muito animadas com isso. Também cantavam junto à música do Sopa Paraguaia.

O processo de mediação, por sua vez, repercutiu significativamente quando analisamos a quantidade de pessoas atingidas pelo projeto. O projeto previa inicialmente realizar a mediação com três turmas de cada escola, e estas turmas assistiriam ao espetáculo, que abarcaria em média 100 crianças por apresentação.

No entanto, a quantidade de público atingido sobressaiu a quantidade de público esperada em aproximadamente duas mil pessoas. Deste público, apenas uma parte, em torno de 1080 foram contempladas pela mediação antes do espetáculo. Este fato se deu pelo público presente na apreciação da peça ter sido maior do que o público esperado a partir da elaboração do projeto, visto que, quando mantido o contato com a escola, ela pedia a possibilidade de liberar mais crianças para assistir ao espetáculo e, de acordo com a disposição do espaço, esse pedido era concedido.

O que não pôde ser feito, infelizmente, foi a prática da mediação teatral proposta antes do espetáculo com todo o público devido ao número reduzido de mediadores e o tempo que a escola oferecia para a realização dos jogos de mediação. O que resultou em uma nítida diferença de comportamento entre as crianças que participaram da mediação e aquelas que não participaram.

As crianças participantes do processo de mediação antes de assistir estavam mais engajadas com a peça, e se surpreendiam quando os atores brincavam de sopa paraguaia em cena. Algumas cantavam juntas, outras faziam o jogo de mão junto com os atores, havia ali um sentimento de pertencer àquele momento do espetáculo, um momento de cumplicidade com os atores, que não estava visível naquelas crianças que não fizeram os jogos de mediação.

Em algumas escolas percebemos apenas pequenos gestos de animação, principalmente pelo medo das crianças em serem repreendidas pelo corpo docente da escola por estarem fazendo barulho, mas a empolgação ao reconhecer o jogo retratado era visível mesmo que discretamente, seja pela postura corporal das crianças, pelo cantarolar silencioso, pelos olhares cúmplices com os colegas de sala, ou pelos sorrisos direcionados aos próprios atores, neste momento específico do espetáculo.

Outra diferença perceptível foi a identificação com o Guto, personagem principal, principalmente em relação aos ciclos, era possível ver as crianças comentarem a respeito desta identificação durante a peça. Foi possível perceber que o público reconhecia no espetáculo aquilo que foi dialogado em sala, e se concentraram mais durante a apresentação, se conversavam, era sobre a temática, cantavam e jogavam juntos do elenco e se deixavam interagir com o que era proposto pelo espetáculo, participaram ativamente, se fizeram coautores daquele momento artístico.

Também foi observado que apenas duas das 17 escolas visitadas convidaram psicólogos para acompanharem as crianças durante o espetáculo. Dada a temática da peça,

algumas crianças acabavam se emocionando e ficando sensibilizadas. Nas salas de aula, após a história do garoto que perdia tudo, era comum alguém comentar que havia perdido algum animal de estimação ou algum parente próximo, sendo necessária a presença desses profissionais nas escolas acompanhando as crianças para aprofundar o assunto.

Apesar do grupo ter estudado a temática e estar preparado para conversar com as crianças e tirar dúvidas, pensamos que, pela seriedade do assunto, um acompanhamento após todo o processo de apresentação e mediação poderia ser uma oportunidade para a escola em desenvolver a temática.

Tivemos o exemplo de uma menina que havia perdido sua gatinha há pouco tempo, e viu a peça no período da manhã. Ao chegar em casa, ela pediu para que os pais a levassem para assistir novamente à tarde, e nos relatou como Guto a ajudou a entender que tudo bem sentir falta da gatinha e ficar triste às vezes por isso.

Considerações finais

Durante todo o período de mediação teatral nas escolas a fim de aproximar o espectador da obra, percebe-se que tal dinâmica desenvolvida em pesquisa nos deixa a certeza da importância de haver mais processos de mediação teatral nas escolas, mas que isso só é possível com a participação dos professores que atuam diariamente nestes espaços. Como argumenta Desgranges:

Torna-se fundamento a organização de projetos permanentes de formação em teatro para educadores. projetos que, além de instrumentalizá-los para a leitura de espetáculos, motivem-nos também a tomar iniciativas, correr riscos, inventar, quebrar a rotina escolar; que possam reunir escolas e grupos de teatro, aproxima artistas e professores, tirando-os do abandono das iniciativas solitárias que podem facilmente tornar-se desestimulantes. (Desgranges, 2015, p. 69)

Por acreditar nesta parceria, que o grupo decidiu confeccionar jogos de mediação para o depois do espetáculo que pudessem ser desenvolvidos pelos docentes das escolas. Ainda que seja uma pequena iniciativa, e que não tenha havido um processo de formação com eles, os jogos escolhidos eram de fácil aplicação, e pensar neste material de apoio aos docentes é uma forma de fazer reverberar o espetáculo, ainda que de forma pontual.

Vale destacar que recebemos vídeos/fotos de alguns professores nos contando de crianças que ainda brincam de “Sopa Paraguaia” e nos mostrando desenhos feitos por elas. Este fato nos mostra que é possível disseminar o teatro e criar histórias a partir da que foi assistida, potencializando criativamente as outras atividades curriculares.

Uma questão importante para o grupo, como dito acima, foi avaliar que deveríamos ter trazido algumas ações para uma melhor compreensão da linguagem teatral propriamente dita. Apesar de que ir ao teatro, ou neste caso, o teatro ter ido até à escola, já ser, por si só, uma experiência significativa de fruição e mediação teatral, especialmente por termos relatos de que para a grande maioria das crianças, aquele foi o primeiro contato que tiveram com a linguagem teatral, pensamos que teria sido ainda mais rico este experienciar aliado ao trabalho com conceitos do teatro.

Em várias escolas que passamos, a fronteira entre o espetáculo e a vida real era quebrada, antes assim como após o espetáculo, percebia-se a aproximação de várias crianças ao elenco/mediadores trazendo fatos e semelhanças de suas realidades, como histórias de perdas familiares, semelhanças na aparência física dos atores/mediadores, e até o próprio fato de que alguns já fazem teatro e terem como inspiração o elenco em cena.

Os resultados que foram obtidos mediante esta pesquisa e a execução da mediação nas escolas nos mostra a potência do teatro dentro das escolas públicas e nos permite o redimensionamento do efeito que se pode causar na formação e desenvolvimento de cada criança.

Além disso, se nota a expansão do público gerado além do esperado, comprovando que as escolas e as crianças querem assistir teatro, assim como a fruição teatral por parte das crianças reverbera em suas famílias e suas comunidades, podendo levar estas outras pessoas a serem público.

Tivemos alguns exemplos de crianças que assistiram ao espetáculo nas suas escolas e depois foram com os pais nos espaços públicos rever a peça, e ao final vinham nos contar “eu assisti vocês na minha escola e agora eu trouxe meus pais para verem também”, isso aconteceu especificamente em duas cidades que tivemos a oportunidade de nos apresentar dentro e fora da escola.

Por estes resultados que a mediação se faz necessária nas escolas tanto pela formação de uma sociedade culturalmente ativa quanto pela formação de público nos âmbitos físicos e linguísticos.

Referências

DESGRANGES, Flávio. *A Pedagogia do Espectador*. 3a edição. Hucitec: São Paulo, 2015.

DESGRANGES, Flávio. Mediação Teatral: anotações sobre o Projeto Formação de Público. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 10, p. 075–083, 2018. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101102008075>. Acesso em maio de 2025.

NININ, Roberta Cristina. *A práxis do mediador: os jogos de mediação teatral na formação do professor de teatro*. 2021. Tese de Doutorado (Pedagogia do Teatro). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, Ney Wendell Cunha. *A mediação teatral na formação de público: o projeto Cuida Bem de Mim na Bahia e as experiências artístico-pedagógicas nas instituições culturais do Québec*. 2011. 229 pág. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

Recebido: 31/10/2025.

Aceito: 06/04/2026.

Aprovado para publicação: 26/04/2026.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International.